

# Divórcio? : Andradina de Oliveira e a voz transgressora na virada do século XIX- XX

---

*Divorce? : Andradina de Oliveira and the transgressive voice  
at the turn of the 19th- 20th century*

Rosa Cristina Hood Gautério 

Universidade Federal de Santa Catarina

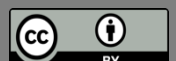
[rosacristinah@yahoo.com.br](mailto:rosacristinah@yahoo.com.br)

**Conflito de interesses:** nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Data de Submissão: 29/09/2021

Data de Aprovação: 14/11/2021

Todo o conteúdo da **Herança – Revista de História, Patrimônio e Cultura** é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.



## Resumo

---

O trabalho busca apresentar o romance tese *Divórcio?* escrito pela gaúcha Andradina de Oliveira que trouxe o tema ainda em 1912. A narrativa traz ao centro do debate valores doutrinários-moralistas que envolvem casamentos mal-sucedidos na sociedade brasileira impostos para preservar a posição das famílias da elite. Destacamos as perdas afetivas, a discriminação e a opressão no contexto do patriarcado que faculta à mulher a regeneração de Eva pecadora como imagem Redentora no constitutivo da sociedade de então. A importância do resgate da obra se dá pela relevância da luta por direitos que estão em pauta na sociedade atual onde ressurgem discursos de retorno a padrões mais tradicionais.

**Palavras-chave:** Literatura, autoria feminina, patriarcado, poder institucional

## Abstract

---

This paper seeks to present the thesis novel *Divórcio?* written by Andradina de Oliveira, from Rio Grande do Sul, who brought up the theme in 1912. The narrative brings to the center of the debate doctrinal-moralistic values that involve unsuccessful marriages in Brazilian society, imposed to preserve the position of elite families. The affective losses, discrimination, and oppression in the context of patriarchy are highlighted, which allows women the regeneration of sinful Eve as a redemptive image in the constitution of society at the time. The importance of recovering this work is due to the relevance of the struggle for rights that are on the agenda in today's society, where discourses of a return to more traditional patterns reappear.

**Keywords:** Literature, female authorship, patriarchy, institutional power

---

## 1.Introdução

---

A serpente

A serpente alisou de Eva

Os cabelos...

Que lhe tapavam o corpo...

Enroscou-se

Nos seus ombros...

A acariciar-lhe ao ouvido

O gosto tão prazeroso

Do fruto mais proibido

Com um falar de prazer

Na saliva repartido

E a língua bifurcada

Num movimento furtivo

- Desobedece...

Insinuou a serpente

Estendendo-lhe depois

...um livro

(Thereza Horta)

A poesia que serve de epígrafe apresenta três personagens que saíram dos livros sagrados e se perpetuaram no imaginário humano: Adão, Eva e a serpente. Eva fez a humanidade cair em danação e foi condenada; uma crença que percorreu a história da humanidade. Ao longo dos séculos desaparece o medo da vingança divina, mas permanece a natureza da obediência no plano da redenção com a ideia aliada a um compromisso moral que se entrelaça na relação de dependência conjugal que “direta ou indiretamente, refletiu sobre o papel da mulher e o ideal de domesticidade” (VAQUINHAS, 2006, p. 41). Com o comportamento vigiado pelo clero, cabe à mulher a constante lembrança de que a esposa vela pela virtude e está a serviço de sua família. Mas os textos sagrados também afirmam que homens e mulheres são iguais perante Deus e que ambos foram criados a sua semelhança.

Na evolução do progresso humano surge uma nova Eva de um ato libertador: a mulher foi abduzida pela serpente que “a acariciar-lhe ao ouvido [...] E a língua bifurcada... Num movimento furtivo... – Desobedece, Insinuou a serpente... Estendendo-lhe depois um livro”. A bem dizer, este presente é uma provocação. Com o conhecimento surge a lucidez e uma inquietação sobre sua felicidade. Inicia-se um discurso sobre a equidade entre os gêneros. “o primeiro contato de Eva com as forças do mal, personificado pela serpente, inoculasse na própria natureza do feminino algo como estigma atávico que predisponha à transgressão” (ARAÚJO, 1999, p. 46).

Dá-se a representação histórica baseada na narrativa bíblica sobre a qual triunfará o patriarcado. O casamento se torna uma união com laços entre a natureza e a razão, mas a razão cria um espaço jurídico e a lei intervém fundamentando-se na moralidade. O divórcio desencadearia uma grave doença social.

Este ensaio é parte de uma tese de doutorado de caráter biobibliográfico sobre a atuação intelectual da gaúcha Andradina de Oliveira, especificamente sobre o romance *Divórcio?* tema que ela trouxe para o debate já em 1912. Impôs-se como feminista assumida ao formar opiniões com sua Literatura. Questiona o clero sobre a indissolúvel união matrimonial e o Poder Público que admitia a separação do casal sem desfazer o vínculo do matrimônio, implicando a grave rejeição social para a mulher. Nesse contexto, a intelectual lutava contra a “moralidade simulada e conservadora da sociedade” que, com suas severas convenções de opressão, impunha a dependência do marido para preservar a posição das famílias da elite, com o poder de controlar o destino das mulheres.

Pretendemos apresentar recortes da narrativa e sua representação no contexto histórico social que se centrava na propriedade, acentuada pela imagem de família santificada. A narrativa tece críticas ao Estado e a Igreja e desnuda valores doutrinários- moralistas da sociedade brasileira daquela centúria. Por fim, iremos traçar algumas reflexões sobre as implicações do divórcio, além da publicação de Andradina que traz em seu texto uma carga emocional, mas transgressora uma vez que questiona os valores tão marcadamente tradicionais. A reflexão é pertinente na atual sociedade que tem parte cultora de princípios conservadores com objetivos de retorno de padrões mais tradicionais, apontando a relevância do retorno aos debates públicos.

#### O Romance Divórcio? a tese transgressora de Andradina

Em meados do século XIX, meninas prematuras de doze e treze anos eram casadas pelos pais com homens geralmente muito mais velhos. Eram casamentos arranjados que se centravam na propriedade e tinham objetivo de preservar e aumentar a fortuna das famílias das elites. Os consórcios eram acordados entre aliados políticos, comerciantes e grandes proprietários de terras e escravos. Cabia à esposa gerar muitos filhos, cuidar da casa, submeter-se à autoridade do marido que cuidava de sua honra e da honra familiar. A obesidade e o envelhecimento chegavam às mulheres aos 20 anos em plena maturidade (HAHNER, 2003).

No Brasil, a lei do casamento civil promulgada pelo então governo provisório em 1890, trouxe esperanças para essas mulheres, porque “ao mesmo tempo em que começavam aparecer na imprensa as notícias sobre a obrigatoriedade do casamento civil, tem início também as manifestações sobre a possibilidade da

implantação do ‘divórcio vincular’ – a possibilidade de um novo casamento” (SENNA, 2002, p. 67). Entretanto, mesmo com a separação legal entre a Igreja e Estado, levado em conta pela Constituição de 1891, o catolicismo se opôs firmemente à legalização do divórcio no país.

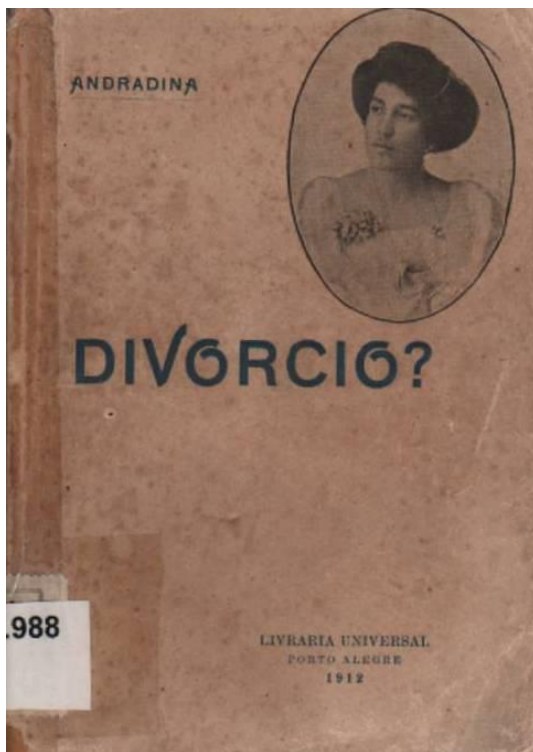
Neste cenário, poucas feministas tomaram o tema como questão maior, porque a o desquite, “a separação do leito, mesa e habitação”, possível em determinadas circunstâncias, já era uma solução satisfatória para algumas das mulheres. (HAHNER, 2003) Poucas, mas nem todas estavam satisfeitas com a separação de corpos. O “divórcio pleno”, que desfazia o vínculo matrimonial e permitia aos pares constituírem nova família, era conquista a ser alcançada.

No começo do século XX, feministas como Mirtes de Campos<sup>1</sup>, a primeira a exercer a advocacia no Brasil, Inês Sabino, Carmem Dolores e Francisca Clotilde defenderam publicamente a legalização do divórcio pleno, apoiando as ideias de emancipação das mulheres. Aliada ao grupo, Andradina, no sul do país, coloca o divórcio como assunto relevante no seu trabalho e luta firmemente pela sua legalização. Formadora de opiniões, publica o romance tese Divórcio? em 1912, conforme figura 1:

<sup>1</sup> No dia 22 de setembro de 1907, “mereceu atenção da referida folha rio-grandina [o Diário do RioGrande] a carta que a Exma. Sra. Dr.<sup>a</sup> Mirtes de Campos, bacharel em direito e propugnadora

do divórcio, endereça ao último dos escritores católicos; a bacharel foi responsável pela defesa da lei do divórcio do Instituto dos Advogados no Rio de Janeiro” (SENNA, 2002, p. 79).

**Figura 1** - Capa original (Acervo da Biblioteca Rio-Grandense)



O romance questiona o casamento como questão intrínseca da organização social e critica os efeitos do seu caráter de indissolubilidade que, segundo a autora, é consequência imoral e desastrosa para as relações humanas.

Em estilo epistolar, o romance é narrado por inúmeras personagens que contam várias histórias a partir de vinte e cinco cartas cujos remetentes e destinatários são múltiplos. Homens e mulheres denunciam os graves problemas de convivência conjugal tais como infidelidade, maus-tratos, difamação e abandono; todos infortúnios efeitos de casamentos malsucedidos.

Andradina critica a sociedade que “em tudo se macula e em tudo se enxerga o vício, a imoralidade”, (2007, p. 30) onde “a mulher é sempre condenada!” (2007, p. 30)<sup>2</sup>, desabafa. Os matrimônios indissolúveis pela natureza sacramental e jurídica são a condição da

sustentação dos depoimentos dramáticos no livro.

Em primeira página, a autora registra uma nota cuja composição vem a ser muito mais do que uma dedicatória, mas um reconhecimento público “àquele espírito superior que teve revoltas santas para todas as justiças” (2007, p. 25). Trata-se de referência feita à Emília Moncorvo Bandeira de Melo, ou Carmen Dolores<sup>3</sup>, “A grande evangelizadora”, título em que a autora reafirma seu compromisso com lutas pela valorização da mulher, declarando que: “eu, sofredora campeã do Feminismo, aqui, neste espaço pujante do Brasil, que é o Rio Grande do Sul, a minha terra! [...] tenho ao menos o mérito da sinceridade de uma alma bem irmã da sua” (2007, p. 25).

Segue-se uma espécie de prólogo com uma carta aberta à sociedade em que a autora faz um chamamento às mulheres e aos homens do meu país (2007, p. 27). O tom vocativo expõe e sustenta um conjunto de argumentos sobre o divórcio como “uma questão de urgente atualidade brasileira”. Consciente da luta contra a “moralidade simulada e conservadora da sociedade”, a carta logo adverte: “Abri-o sem medo: é um livro moral” (2007, p. 27). Reitera, nas linhas seguintes, que o livro é “moral porque é sincero [...] moral porque o vivifica um intenso e nobre ideal; moral porque é puro, oriundo de uma das nossas mais dolorosas necessidades sociais...”. Ciente da difícil cruzada, consciente da forma ousada de apresentar suas ideias, a autora diz: “atiro-o, inteiramente, à publicidade” (2007, p. 27). Mesmo o prólogo sendo uma citação longa, consideramos imperioso resumir alguns pontos:

Quando se ergue essa questão, eles, os antivorcistas, saltam em

<sup>2</sup> Quando tratarmos especificamente sobre citações da narrativa de o Divórcio?, a identificação do romance será feita apenas pelo ano e pelo número de páginas.

<sup>3</sup> Com reconhecido talento como escritora, contista, cronista, dramaturga e colunista do periódico O País, a intelectual também

foi grande batalhadora na luta pela educação e pela luta da implantação do divórcio no Brasil, conforme já referenciamos. Contemporâneas nas lutas, Andradina ofereceu-lhe o seu livro À grande evangelizadora que tinha recentemente falecido, em 1910.

arreganhos de ofendidos melindres, numa cômica bancarrota da lógica e empurram para a frente os velhos chavões da dissolução da família, da situação dos filhos, da depravação dos costumes, dos motivos religiosos. [...]

Dissolução da família? - Ela está de fato dissolvida desse que o adultério, seja do homem, seja da mulher, nela penetrou.

[...]

Motivos religiosos? - Esses são mais sérios. [...] O casamento é contrato ou casamento? Na primeira hipótese, todo o contrato supõe um possível distrato. Na segunda, a Igreja ergue-se do seu formalismo para decretar a indissolubilidade! [...]

Condenar a mulher e o homem, já divorciado, e que experimentem um novo afeto, a passar a vida sem gozar a aventura de se unirem legalmente, publicamente, moralmente ao ente querido, não é um monstruoso crime, cometido em nome da mais sublime das religiões – a religião do Amor e do Perdão??! [...] Não rasga o padre, muitas vezes, a batina e não vai construir à face da sociedade o seu ninho de amor??

[...]

Aqueles que como eu, acreditem firmemente na realidade do progresso moral, na evolução humana, não porão mesma dúvida em admitir que o divórcio seja um estado transitório e que, com o aperfeiçoamento das espécies, daqui a uns tantos séculos terá,

talvez, desaparecido a sua necessidade (2007, p. 27-33).

As cartas numeradas até o número vinte e cinco são fragmentos e impressões de personagens que falam de si e de suas dores. Cartas que formam um conjunto memorial de agravos em dramas comuns de cônjuges “que se submetem a cristãmente aos infernos dos casamentos *mal assortis*”<sup>4</sup> [sic] (2007, p. 29). Como um lado épico da verdade, a autora anuncia que o livro é um *livre à clef* (2007, p. 27), isto é, as personagens remetem a pessoas reais com nomes fictícios, pois, não há um “que não tenha sido copiado *d’après nature*” (2007, p. 27) – da realidade.

Os textos-cartas são precedidos por epígrafes escritas por personalidades não fictícias, como Carmen Dolores, Balzac, Coelho Neto, João do Rio, Tolstoi, entre alguns nomes ilustres que são encarregados de um pré-texto, como um ponto de apoio ao texto que segue. Tomamos como exemplo a carta de número dezoito:

O mais maravilhoso dos livros é o do amor.

Goethe

O amor é um grande sol. E ele é que faz famosa a natureza.

Coelho Neto

Seguimos com o exemplo da missiva de número dezoito (18) que é a resposta de Velúnia para a amiga Branca, quando narra sua experiência com um novo afeto; lemos: “Eu estou ligada a Eurico à face da natureza e, portanto, à face de Deus [...]. Chamamo-lo o Amor e ele sorri. O caso é que me fez olvidar aquele passado de vergonha em que, ao lado de um marido infame, eu nada valia” (2007, p. 119). Ao desabafo, segue-se o tom poético:

<sup>4</sup> Mal assortis- em que os cônjuges não combinam e não se entendem, tradução da própria escritora.

“Qual lindo pássaro alvissareiro entrou-me em casa, a cantar a tua ternura, de envolta mesmo com os aromas do jasmineiro e laranjais floridos e das rosas que, numa orgia casta, se multiplicam e seduzem, lá pelo jardim, onde as borboletas e os colibris com elas se inebriam” (2007, p. 118), próprio do discurso literário.

A carta de número dezessete (17) tem como remetente Marina e se destina aos pais. Ela narra sua má sorte de ser “vendida” aos dezessete anos a um septuagenário:

Tenho sob os olhos febris a vossa carta. Onde me ordenais que deixe esta cidade, para não vos envergonhar e às minhas irmãs. Perdoai se não vos obedecer (...). É talvez esta, a última missiva a endereçar-vos, e, portanto, ouvi: Das minhas irmãs foi eu a escolhida por este libertino celibatário que levava os melhores dias da existência comprando a honra das pobres donzelas, que iam depois engrossar a fileira das meretrizes. Foi um comércio infame! (...) minha desgraça, o resultado de um castigo aceito pela sociedade. (...). Quando me achei, altas horas da noite, na vasta e luxuosa alcova nupcial (...) parecia-me a câmara de um cemitério...o leito um sepulcro (...) Bárbaro que fostes, imolando a aurora da minha carne...(...) Ele agradecia-vos com um punhado de ouro, o presente do meu corpo novo.

(...) Que fazer senão abandonar o libertino barão para ser toda, sem hipocrisia e mentiras, daquele que compadecido com meu infortúnio a que me votastes, nos seus beijos juvenis me desvendou o verdadeiro paraíso.

(...) Que soberba eu passarei por vós pelo braço do meu verdadeiro marido, do homem a quem me liguei honestamente, porque me liguei pelos mais nobres dos afetos, o amor!

Vossa filha

Marina.

A carta é uma experiência de leitura que nos tira do conforto sobre a vida. Abaixo da superfície e atrás das paredes, o ser humano com toda a sua miséria exhibe o retrato de uma mulher sob o domínio do patriarcado no início do século XX. O texto mostra como esse feminino se expõe numa escrita epistolar de resistência.

Conquanto em algumas das cartas a escritora aponte os graves problemas de desigualdades sociais nos domínios civis, econômicos e das convenções conjugais, em outras ela traça um quadro comparativo entre a educação dos meninos e das meninas, que seria, para a autora, a raiz de todos os problemas. É o exemplo da carta de número vinte e dois: “A mulher é uma criatura desgraçada? Em minha opinião, muito desgraçada, desde o berço! [...] O homenzinho vai, desde logo, se arvorando em protetor: a mulherzinha vai se encolhendo na sua posição protegida. A mãe inconsciente, ignorante, acentua a distinção” (2007, p. 137).

Por fim, o livro traz um texto contendo uma história das interpretações de todas as cartas publicadas, como se fosse a reprodução do eco de todas as vozes em uma única Súplica, título da página final. Nesta, uma narradora apenas identificada como “aquela que muito padeceu” é a voz da enunciação e traz, igualmente, um



discurso de testemunho<sup>5</sup>. Tal discurso é um produto que marca a subalternidade na voz: “Mártir excelsa, que há vivido a grande vida dos séculos imersa na noite da ignorância, na agonia, suprema da opressão!...” (2007, p. 164).

Desde o final do século XIX, deputados que apoiavam as feministas mantinham acirradas campanhas no governo. O primeiro foi o deputado Érico Coelho em 1893; depois em 1900, o senador Martinho Garcez; em 1908 foi a vez de Virgílio de Sá Pereira; e em 1910, o projeto do deputado Floriano de Britto. Todos tiveram seus projetos rejeitados pelo Legislativo Federal. Outras campanhas persistiram por longas décadas, mas sem êxito. Em 1912, transitava mais um projeto no Congresso Nacional e Andradina de Oliveira escreve *Divórcio?*, obra reivindicatória em um mês, inserindo-se na campanha. Até 1916, seguiram-se os debates públicos, mas sem resultado concreto. Para a feminista o que dissolvia as famílias era o adultério, o concubinato dos maridos fora dos lares e os interesses do mercado matrimonial. O divórcio pleiteado por todos veio a acontecer no Brasil somente em 1977.

A intelectual teve uma relevante atuação na sociedade de seu tempo. A contribuição significativa de suas ações na formação da opinião pública recebeu notório reconhecimento do então Deputado Floriano Britto:

Câmara dos deputados

Talentosa e eminentíssima  
Patrícia

Muito e respeitoso saudar.

Só agora acuso, agradecendo  
penhorado, o recebimento do seu

livro propaganda *DIVÓRCIO?* e do seu curioso romance *O PERDÃO*. Cujo valor que me devia merecer uma leitura demorada, atenta, explica a demora desse meu tardio, porém efusivo reconhecimento.

Houvesse dez mulheres, com o talento, o preparo estético e o espírito liberal da eminente Patrícia, e a nossa luminosa Cruzada se transformaria, em breve, numa vitória deslumbrante. Não esmorecemos porem, na refrega que bem merece a causa e é certo o dia do triunfo.

Envio-lhe um exemplar da justificação com que amparei na Câmara a apresentação do projeto.

Beijando-lhe as mãos sou seu humilde patrício e admirador.

Floriano Britto.

12 de outubro de 1912 ( OLIVEIRA, 1958, p. 112).

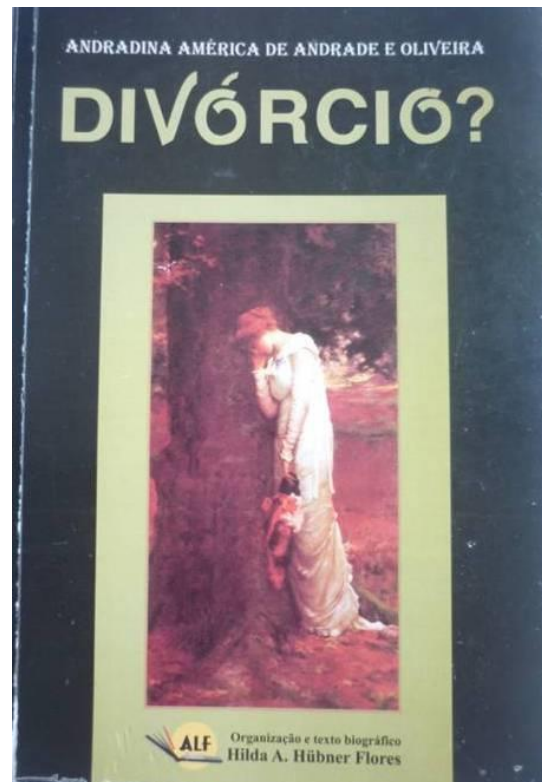
<sup>5</sup> Etimologicamente, um “testemunho” é alguém que toma parte de um processo ou, nesse contexto, ela toma parte numa linguagem de senso comum, portanto, tal expressão é tomada como sinônimo de “identidade” partilhada pelo mesmo grupo. O conceito de identidade aqui é um conceito posicional, tomado de

empréstimo de Stuart Hall (2000), segundo o qual “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso; nós precisamos compreendê-la como produzidas em locais históricos específicos” (p.109).



Segundo a historiadora Hilda Flores, *Divórcio?* foi “considerado como um dos clássicos da literatura do gênero, no que desnuda valores doutrinário-moralistas próprios da sociedade brasileira de um século atrás” (2007, p. 18). Pela relevância dessa publicação, o livro foi reeditado em 2007, conforme figura 2:

*Figura 2 - Capa da reedição de Divórcio? (Acervo particular)*



A reedição teve acréscimo à obra original com uma “Apresentação,” uma “Biografia de Andradina” e um “Sumário”, além de atualização da ortografia.

A reedição se deu através do projeto “Memorial Feminino” da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, instituição onde Andradina

foi Patrona da cadeira n. 11, pelo relevo nas letras rio-grandinas. A reedição conta com a organização da historiadora Hilda Agnes Hubner Flores, que presta valiosa contribuição nas pesquisas sobre as mulheres do século XIX, no Rio Grande do Sul.

## 2. Algumas Considerações

Desde as narrativas bíblicas, em diferentes momentos e em diferentes séculos houve movimentos que pensaram as relações homem-mulher a partir das questões morais e religiosas, com o objetivo de situar as mulheres “virtuosas” em casa, propondo um modelo materno. A subordinação e a maternidade apagam o pecado de Eva e a alma transgressora torna-se para a Igreja a restauração, o modelo cristão.

Com o jogo de poder entre o Estado e a Igreja,

a maternidade é vivida como uma tarefa cívica e religiosa, respectivamente. Moral e virtude são qualidades pelas quais cada uma responderá perante Deus. Mesmo o afastamento entre Igreja e Estado depois da Constituição, não afasta das mulheres o espírito do sacrifício, abnegação e submissão. No centro das questões, continuam a se impor casamentos entre idades muito diferentes e o marido a ter a custódia da mulher e dos bens num sistema que dominava o mercado de

matrimônios.

Com o divórcio a mulher emancipou o homem e inversamente. Foi um ato libertador para ambos. O casamento não poderia ser lugar fundado na desigualdade e de imutabilidade das relações entre homens e mulheres. A partir do divórcio houve novo vínculo estabelecido entre família e sociedade, principalmente na relação de força do patriarcado na questão do direito, mais do que o poder.

A história ainda é incompleta. As mulheres ainda lutam pela igualdade de direitos. Algumas sociedades ainda impõem vigilância no seu comportamento cotidiano das mulheres. Andradina América de Andrada e Oliveira teve muita consciência sobre as questões femininas sempre revisitadas ao longo de muitas gerações que a partir dela se seguiram. A intelectual feminista utilizou a Literatura como um mote de reflexão sobre a oposição do divórcio pela igreja enfatizando que casamentos arranjados eram a causa de violentas desilusões matrimoniais, de preconceitos e abandono, mas celebrados como santo sacramento, o que para ela era um “remédio doloríssimo amargo”. Seu projeto literário teve intenção de se colocar na

interseção entre o individual e coletivo, do público e o privado, trazendo em seus textos-cartas todo o significado do drama de um projeto de nação estabelecido através de um processo de simbolização.

Muitas histórias poderiam ser contadas no livro, além das 25 cartas, para ilustrar as relações desastrosas dos casamentos arranjados, da dependência das mulheres e o abandono de si mesmas, numa elite afinada aos moldes de uma educação tradicional. Andradina que contou histórias, romanceou, funcionalizou a realidade, tornou a questão do divórcio uma reflexão indispensável nos primórdios do movimento no Brasil.

Na atualidade, o casamento volta a ser debate público. “A bela, recatada e do lar” uma vez mais reverbera ecos do passado. Sarcasticamente, tenta-se audiência com as pequenas organizações defensoras da tradição, especialmente voltados à honra familiar, com o discurso de que o comportamento da mulher é uma ameaça para a vida das famílias. Mais uma vez, emerge assunto para um debate social, lugar para trazer à tona mulheres como Andradina de Oliveira e sua luta do início do século XX.

# BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Jorge de Souza. (1999). Perfil do leitor colonial [ Colonial Reader Profile]. Ihéus: Editus.
- GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. (2015). Ecrínio, Andradina de Oliveira e sociedade (s) Entrelaços de um legado feminista [Escrínio, Andradina de Oliveira and society (s) intertwined with a feminist legacy] [Tese de doutoramento, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158435>
- OLIVEIRA, Andradina de. (2007). Divórcio? [DIVORCE?]. Hilda Agnes Hubner Flores (org). Porto Alegre: Ediplat; Florianópolis: Editora Mulheres.
- VAQUINHAS, Irene. (2006).As mulheres no mundo contemporâneo: história comparada [Women in the contemporary world: comparative history]. Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra. Coimbra. (Coleção Estudos 60).
- HAHNER, June Edith.(2003). Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940) [Female emancipation: the fight for women's rights in Brazil (1850-1940)]. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- HALL, Stuart. (2000). Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org e trad). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais [Identity and difference: the perspective of cultural studies] ( pp 102-133) Petrópolis: Vozes.
- SENNA, Adriana Kivanski de. (2002). O Casamento e o divórcio nos jornais rio-grandinos: (1889-1914) [Marriage and Divorce in the Newspapers rio-grandinos (1889-1914)]. Rio Grande: Ed: FURG.
- VASCONCELLOS. Eliane. (2008). Intimidade das confidências[Intimacy of Confidence]. Teresa, Revista de Literatura Brasileira, v. 8, n. 9, São Paulo ( pp.372-389).